Ardalambion

Of the Tongues of Arda, the invented world of J.R.R. Tolkien

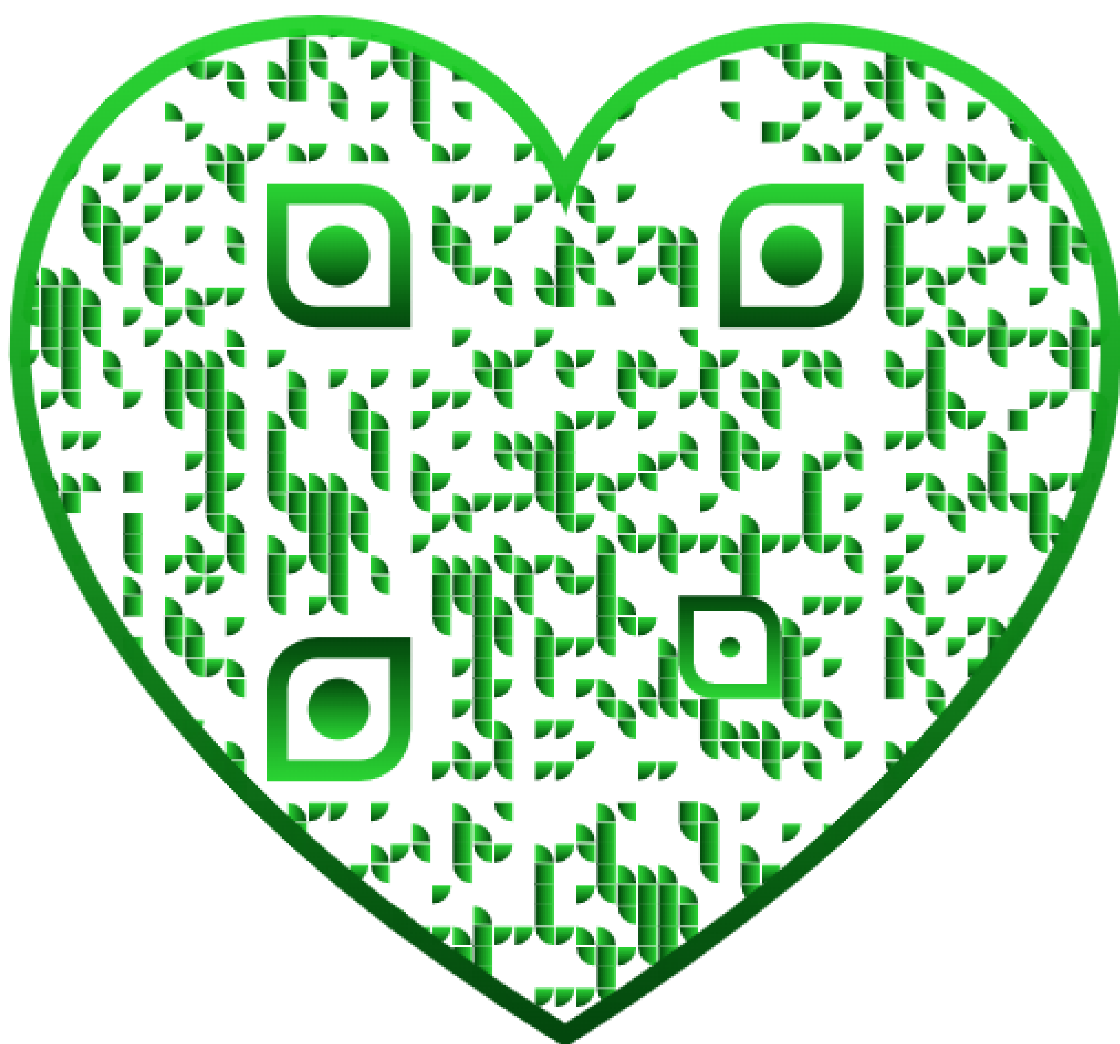
http://www.uib.no/people/hnohf/

criado por

Helge Kåre Fauskanger
helge.fauskanger@nor.uib.no

Uma tradução de:

Ingrid Lilian Seelaender



QUENYA

Também escrita como: Qenya, Qendya, Quendya
Também chamada: Alto Elfo/Alto Élfico (High-elven/High-elvish), a Alta Fala dos Noldor (the High Speech of the Noldor), a Fala Antiga (the Ancient Speech), a fala dos Elfos de Valinor, Latim-Elfo/Latim Élfico (Elf-latin/Elven-latin), Valinoreano, Avalloniano, Eressëano, *parmalambë* (Língua dos Livros – Book-tongue), *tarquesta* (Alta Fala), *Nimriyë* (em Adûnaico), *Goldórin* ou *Goldolambë* (em Telerin), *Cweneglin* ou *Cwedhrin* (em Gnômico).

HISTÓRIA INTERNA

O Quenya ou Alto Élfico é o mais importante idioma do ramo Amanya (de Aman) da família de línguas élficas. Em Aman havia dois dialetos do Quenya, Vanyarin e Noldorin. Por razões históricas, apenas a última foi usada na Terra-média. O outro idioma Eldarin falado em Aman, Telerin, também pode ser considerado como um dialeto do Quenya, mas normalmente é considerado como uma língua separada, e não será discutido aqui (ver artigo separado).

Comparado às outras línguas Élficas, o Quenya é arcaico. Ele preservou as principais características da língua Élfica original inventada pelos Elfos quando acordaram no lago de Cuiviénen – uma língua com "muitas... palavras bonitas e muitos artifícios de fala inteligentes" (WJ:422). De fato, o Glossário do Silmarillion refere-se ao Quenya como "o antigo idioma, comum a todos os Elfos, na forma que tomou em Valinor" em Aman – como se o Quenya fosse tão similar ao Élfico Primitivo que seria meramente uma forma posterior deste, e não uma nova linguagem. Apesar do Élfico Primitivo e o Quenya poderem ter sido mutuamente inteligíveis, não se deve pensar neles como quase idênticos. Em Valinor, a antiga língua Élfica passou por diversas mudanças: "Sua alteração ... [tomou a forma] da feitura de novas palavras (para coisas antigas e novas) e na suavização e harmonização dos sons e padrões do Quenya para formar o que parecia mais bonito aos Noldor" (WJ:20). Inicialmente os sons *b* e *d* tornaram-se *v* e *l* (ou *n*), as longas vogais finais foram encurtadas, vogais médias átonas freqüentemente desapareceram, e muitos grupos consonantais sofreram metátese (transposição) ou outras mudanças, geralmente tornado-os mais fáceis de pronunciar. O Quenya também adotou e adaptou algumas palavras da linguagem dos governantes de Aman – os *Valar*, os Poderes Angélicos que cuidam do mundo em nome de seu Criador. Contudo, os próprios Valar encorajaram os Elfos a "criar novas palavras no seu próprio estilo, ou ... interpretar o significado dos nomes nas belas formas Eldarin", ao invés de manter ou adaptar as palavras do Valarin (WJ:405). É dito que os Noldor "eram criativos na fala, pois tinham amor pelas palavras e sempre procuravam nomes mais adequados para todas as coisas que conheciam ou imaginavam" (Silm. Cap. 5).

Em Aman, o Quenya era falado não apenas pelos Vanyar e Noldor, mas também pelos Valar: "Os Valar parecem ter adotado rapidamente o Quenya" após a chegado dos Elfos, e sua própria língua, o *Valarin*, não era freqüentemente ouvida pelos Eldar: "Na verdade, é dito que freqüentemente os Valar e Maiar podiam ser ouvidos falando Quenya entre si" (WJ:305). Pengolodh, o sábio de Gondor, nota: "Nas histórias dos Valar, estes são sempre apresentados falando Quenya em todas as circunstâncias. Porém isso não devia proceder de traduções dos Eldar, poucos deles sabiam Valarin. A tradução deve ter sido feita pelos próprios Valar ou Maiar. De fato, essas histórias ou lendas que falam de tempos anteriores ao acordar dos Quendi, ou sobre o passado mais distante, ou sobre coisas que os Eldar desconheciam, devem ter sido apresentadas primeiramente em Quenya pelos Valar ou Maiar quando estes instruíam os Eldar". Ele menciona o *Ainulindalë* como um exemplo: "Deve ter sido a princípio apresentado a nós não apenas em palavras Quenya, mas de acordo com o nosso modo de pensar". De fato, mesmo Melkor aprendeu Quenya, e o aprendeu muito bem. "Alas", nota Pengolodh, "em Valinor Melkor falava o Quenya com tamanha maestria

que todos os Eldar ficavam maravilhados, pois seu uso não podia ser melhorado, dificilmente mesmo igualado, pelos poetas e mestres da tradição." (VT39:27)

Quando Rúmil inventou as letras, o Quenya tornou-se a primeira linguagem a ser registrada pela escrita (Silm. Cap. 6, SdA Apêndice F). Mas fora do Reino Abençoado de Aman, o Quenya não teria sido tão conhecido se não fosse pela rebelião dos Noldor na Primeira Era. Muitos desse clã deixaram Aman e foram para o exílio na Terra-média, carregando a Alta Língua Élfica com eles. Na Terra-média os Noldor eram largamente superados em número pelos nativos *Sindar*, ou Elfos Cinzentos, que falavam uma linguagem claramente relacionada, mas muito diferentes. A língua *Sindarin* há muito tinha descartado as inflexões das declinações que ainda eram preservadas pelo Quenya, e o som geral das duas linguagens deferia bastante – o Quenya era muito mais vocálica que o Sindarin e tinham uma distribuição muito limitada de paradas vocais *b*, *d*, *g*, que eram freqüentes em Sindarin. Como se descobriu, "os Noldor aprenderam rapidamente o idioma de Beleriand [i.e. Sindarin], ao passo que os Sindar eram lentos para dominar a língua de Valinor [i.e. Quenya]".Vinte anos após a chegada dos Noldor à Terra-média, "a língua dos Elfos Cinzentos foi a mais falada, mesmo pelos Noldor" (Silm. Cap. 13). Quando o Rei Thingol de Doriath finalmente descobriu que os Noldor haviam matado muitos dos seus parentes Teleri e roubado seus barcos quando deixaram Valinor, ele baniu o uso do Quenya no seu reino. Conseqüentemente, "os Exilados adotaram o idioma Sindarin em todos os seus uso correntes; e a Alta Fala do Oeste era usada apenas pelos senhores Noldor entre si. Ela sobreviveu, porém, para sempre como a língua da tradição, não importa onde morasse qualquer indivíduo daquele povo" (Silm. Cap. 15).

Assim, o Quenya sobreviveu, mesmo na obscura Primeira Era. De fato, o vocabulário foi expandido: os Noldor adotaram e adaptaram algumas palavras de outras línguas, como *Casar*, "anão", de *Khazad* da língua dos Anões, e *certa*, "runa", do Sindarin *certh* (WJ:388,396). Algumas palavras já em uso desenvolveram novos ou modificaram seus significados no Quenya do Exílio, como *urco*, uma palavra que no Quenya Valinoreano era usada para "algo que causa medo aos Elfos, qualquer forma dúbia ou sombra ou criatura predadora", lembrança das antigas histórias da Marcha de Cuiviénen. No Quenya do Exílio, contudo, *urco* foi percebido como um cognato da palavra Sidarin *orch* e foi usada para traduzi-la"; assim, o significado da palavra *urco* era agora simplesmente "Orc" (WJ:390; a forma *orco*, influenciada pelo Sindarin, era também usada). Quando os Edain chegaram em Beleriand, eles não aprenderam somente o Sindarin, mas "até certo ponto também o Quenya" (WJ:410). Ainda que o Quenya "nunca tenha sido uma linguagem falada entre os Homens" (Plotz Letter), nomes em Alto Élfico como *Elendil* tornaram-se populares entre os Edain. Túrin deu a si mesmo o nome Quenya de *Turambar* ou "Senhor do Destino", e sua irmã Nienor exclamou algumas palavras em Alto Élfico antes de matar-se (Silm. Cap. 21). Existem também numerosos exemplos do Quenya sendo usado ou relembrado pelos Exilados Noldorin entre eles: Quando Turgon construiu sua cidade escondida, "ele a denominou Ondolindë, na fala dos Elfos de Valinor", apesar da forma adaptada do Sindarin, *Gondolin*, ter se tornado o nome usual da cidade. Mesmo em Gondolin, o Quenya "tinha se tornado a língua dos livros" para a maioria, "e como os demais Noldor eles usavam o Sindarin na fala do dia-a-dia". Mesmo assim, Tuor escutou o Guarda de Gondolin falar "na Alta Fala dos Noldor, que ele não compreendia". Também está dito que o Quenya era de uso no dia-a-dia na casa de Turgon, e foi a língua natal de Eärendil (UT:44,55). PM:348 confirma que "Turgon, após a fundação da cidade secreta de Gondolin, restabeleceu o Quenya como a língua do dia-a-dia de sua Casa". Aredhel deixou Gondolin e foi capturada por Eöl, a quem deu um filho, e "no íntimo, ela lhe deu um nome na língua proibida dos Noldor, Lómion, que significa Filho do Crepúsculo" (Silm. Cap. 16). Eöl chamou posteriormente seu filho pelo nome Sindarin de Maeglin, mas Aredhel "ensinou a Maeglin a língua Quenya, apesar de Eöl tê-la proibido" (WJ:337).

Contudo, o Quenya falado pelos Exilados rapidamente sofreu algumas pequenas mudanças, provavelmente antes do édito de Thingol contra seu uso congelar durante muito tempo todos os processos de mudança lingüística. Numa carta a Dick Plotz, Tolkien descreveu a deterioração do substantivo de uma antiga forma Quenya chamada de "Quenya Literário".Tolkien escreveu que

"tanto quanto é conhecido pelos homens [mortais] – desde os acadêmicos Númenoreanos aos que sobreviveram em Gondor [na Terceira Era] – estas eram as formas usadas na escrita". Mas adiante ele escreve: "O Quenya, como uma língua falada, alterou-se até certo ponto entre os Noldor antes que cessasse de ser uma língua natal [i.e. rapidamente no exílio]... Nessa forma 'coloquial' ele continuou a ser falado entre os Elfos de origem Noldorin, mas foi preservada de mudanças posteriores por ser reaprendida da escrita a cada nova geração." A implicação parece ser a de que também essa forma "coloquial" do Quenya pode ser usada de maneira escrita e esse era o Quenya dos escritos dos quais as novas gerações aprendiam a linguagem novamente. Deveriam existir textos escritos pelos Noldor durante seu exílio, após seu idioma ter divergido ligeiramente do Quenya Amaniano (em particular pela perda da declinação do acusativo): "As condições do Exílio... tornaram necessária a reescrita de memória de muitos trabalhos da tradição e canções anteriores ao Exílio" (PM:332). Os acadêmicos Númenoreanos podem ter usado uma forma mais arcaica de Quenya pois eles estavam em contato com os Eldar de Eressëa e Valinor, não apenas com os Exilados Noldorin da Terra-média. Hoje, muitos escritores não usam o Quenya Literário, mas a forma dos Exilados Noldorin do Alto Élfico, a linguagem do Lamento de Galadriel (SdA 1/II Cap. 8).

A Primeira Era acabou na Guerra da Ira. No início da Segunda Era, alguns dos Noldor retornaram a Aman, mas "alguns permaneceram muitas Eras na Terra-média" (Silm. Cap. 24). Assim, falantes nativos de Quenya ainda estavam presentes nas Terras de Cá ("Hither Lands"). De fato, mesmo seu maior inimigo criou um nome Quenya para si quando apareceu aos Elfos numa bela aparência para engana-los: *Annatar*, o Senhor dos Presentes (*Dos Anéis de Poder* no Silm.). Seu nome real era também Quenya, mas é fácil de entender que não gostasse dele: *Sauron*, o Abominável (ver Silm., Glossário). Mais tarde, os artífices de Eregion deram nomes Quenya aos seus maiores trabalhos: *Narya*, *Nenya* e *Vilya*, os mais poderosos dos Anéis de Poder salvo o Um Anel.

A história da Segunda Era é dominada pela saga de Númenor, a grande ilha que os Valar deram aos Edain. Originalmente os Edain eram Amigos-dos-Elfos, e muitos deles sabiam Sindarin (apesar de ser o Adûnaico a linguagem do dia-a-dia dos Númenoreanos, uma língua humana). É nos dito que "os eruditos entre eles aprenderam também o Alto Eldarin do Reino Abençoado, idioma no qual grande volume de prosa e verso foi preservado desde o início do mundo... Por isso, ocorreu que, além de seus próprios nomes, todos os senhores dos Númenoreanos também tinham nomes em Eldarin [Quenya e/ou Sindarin]. E o mesmo acontecia com as cidades e os belos lugares que fundaram em Númenor e nas costas das Terras de Cá" (Akallabêth). Os exemplos de nomes Quenya em Númenor incluem *Meneltarma*, *Armenelos*, *Rómenna* e o próprio nome *Númenor*. Mas segue o fato que "Quenya não era um idioma falado em Númenor. Ele era apenas conhecido pelos instruídos e pelas famílias de alta descendência, para os quais era ensinado na juventude. Era usado nos documentos oficiais escritos para serem preservados, como as Leis, e o Rol e os Anais dos Reis..., e freqüentemente em trabalhos da tradição mais obscuros. Era também muito usado na nomenclatura: os nomes oficiais de todos os locais, regiões, e acidentes geográficos tinham uma forma Quenya (apesar de possuírem também nomes locais, geralmente de mesmo sentido, em Sindarin ou Adûnaico [Númenoreano]). Os nomes pessoais, e especialmente os nomes oficiais e públicos, de todos os membros da casa real, e da Linhagem de Elros em geral, eram dados em forma Quenya (UT:216). Os Reis usavam nomes Quenya porque o Alto Élfico era "a mais nobre língua do mundo" (UT:218). Contudo, as coisas mudaram com o tempo. Os Númenoreanos começaram a invejar a imortalidade dos Elfos, e a amizade com Aman gradualmente esfriou. Quando o vigésimo Rei de Númenor ascendeu ao trono, no ano de 2899 da Segunda Era, ele quebrou o antigo costume e tomou o cetro com um título em Adûnaico ao invés de em Quenya: *Ar-Adûnakhor*, Senhor do Oeste. No seu reinado, "as línguas Élficas não foram mais usadas, nem era permitido que fossem faladas, mas eram mantidas em segredo pelos Fiéis; e os navios de Eressëa vinham rara e secretamente às costas ocidentais de Númenor depois disso (UT:222). Em 3102, Ar-Gimilzôr tornou-se o vigésimo-terceiro Rei, e ele "proibiu totalmente o uso dos idiomas Eldarin, e não permitia que qualquer Eldar viesse à terra, e puniu os que os recebessem" (UT:223). De fato, "as línguas Élficas foram proscritas pelos Reis rebeldes, e somente o Adûnaico era permitido, e

muitos dos livros antigos em Quenya ou e Sindarin foram destruídos" (PM:315). Contudo, o filho de Gimilzôr, Inziladûn, provou ter um caráter bastante diferente quando tornou-se Rei em 3177 (ou 3175 de acordo com outra fonte – ver UT:277). Ele se arrependeu das maneiras dos Reis anteriores e tomou um nome em Quenya de acordo com o costume antigo: *Tar-Palantir*, Aquele que Vê Longe. Tar-Palantir "poderia ter retornado à amizade com os Eldar e os Senhores do Oeste", mas era muito tarde (UT:223). Sua única filha, ele nomeou-a *Míriel* em Quenya. Ela teria sido a Rainha Regente após sua morte em 3255, mas foi forçada a casar-se com Pharazôn, filho do irmão de Tar-Palantir, Gimilkhâd. Pharazôn tomou-a como esposa contra sua vontade, para usurpar o cetro de Númenor. Evidentemente que ele não aceitou o nome Quenya dela, e mudou-o para *Zimraphel* em Adûnaico. Orgulhoso e arrogante, Ar-Pharazôn desafiou Sauron na Terra-média. O malicioso Maia dissimuladamente fez que se rendeu, e Pharazôn "na loucura de seu orgulho, levou-o como prisioneiro para Númenor. Não demorou muito para que Sauron enfeitiçasse o Rei e se tornasse mestre de seu conselho; logo arrebatou o coração de todos os Númenoreanos, exceto aqueles que ainda eram Fiéis, de volta a escuridão" (SdA Apêndice A). Sauron fez o Rei acreditar que ele se tornaria imortal "se se conduzisse de modo a tomar a soberania de Aman dos Valar, e finalmente Pharazôn tentou invadir o Reino Abençoado. Como Sauron bem sabia, os Númenoreanos nunca poderiam subjugar os Poderes, e como ele planejou, a armada de Pharazôn foi completamente derrotada. Contudo, Sauron não tinha pensado que os Valar chamariam o Um em pessoa, e que Ele usaria Seu poder para mudar toda a forma do mundo. O Reino Abençoado foi removido do mundo visível para o reino das coisas escondidas, e assim se foram todos os falantes nativos de Quenya salvo aqueles Noldor que ficaram na Terra-média. A própria Númenor desapareceu no mar, e nunca saberemos a quantidade de livros escritos em Quenya que foram perdidos na ruína da Ilha dos Reis. À ilha que afundou foram dados novos nomes em Alto Élfico: *Mar-nu-Falmar*, Terra (lit. Casa) sob as Ondas, e *Atalantë*, a Caída (?"Queda" no Glossário do SdA).

Os únicos sobreviventes da Queda foram Elendil, Isildur, Anárion e aqueles que os seguiam em seus barcos. Como revelam seus nomes Élficos, eles eram Amigos-dos-Elfos e não tomaram parte na rebelião contra os Valar. Na Terra-média eles fundaram os Reinos no Exílio, Arnor e Gondor. Sauron logo atacou Gondor, mas foi derrotado na Batalha de Dagorland, e após sete anos de cerco ele teve que abandonar Barad-dûr e foi morto por Gil-galad, Elendil e Isildur; apenas o último destes sobreviveu. Assim terminou a Segunda Era do Mundo, mas os Reinos no Exílio sobreviveram na Terceira Era, e entre os acadêmicos de Arnor e Gondor o conhecimento do Quenya foi preservado.

Os Reis de Arnor e Gondor usavam nomes Quenya, como os fiéis Reis Númenoreanos de antigamente. (Após 861 anos da Terceira Era, contudo, Arnor foi dividida nos reinos menores de Arthedain, Rhudaur e Cardolan; os Reis destes reinos usavam nomes Sindarin.) Os Mordomos de Gondor também usaram nomes Quenya até o tempo de Mardil, o primeiro Mordomo Regente (chamados assim porque não houve Rei em Gondor no período de 2050-3019 da Terceira Era, e os Mordomos tiveram que tomar todas as responsabilidades). Contudo, os sucessores de Mardil cessaram de usar nomes em Alto Élfico. Os Mordomos não tomaram o título de Rei, e eles deveram ter pensado que seria presunçoso usar nomes Quenya após o costume dos Reis. Mas quando Aragorn foi coroado Rei em 3019, chamou a si mesmo Elessar Telcontar em Quenya, seguindo o antigo costume. Então a Quarta Era começou, e os últimos dos Noldor navegaram dos Portos e deixaram a Terra-média, retornando a Aman. Os últimos que falavam Quenya nativo foram-se de nosso mundo, mas como Gandalf apontou a Aragorn, era sua tarefa "preservar o que podia ser preservado" (SdA 3/VI Cap. 5) – incluindo o conhecimento das línguas Eldarin. Sabemos que Aragorn deu um nome em Alto Élfico ao seu filho, Eldarion, que o sucedeu no trono de Gondor quando ele morreu no ano de 120 da Quarta Era. Apesar de pouco ser conhecido dessa Era, não deve haver dúvida de que enquanto o reino de Gondor durou, o Quenya foi relembrado.

Designações da Língua

A palavra *Quenya*, no dialeto Vanyarin *Quendya*, é um adjetivo formado pelo mesmo radical de *Quendi*, "Elfos"; o significado básico é assim "Élfico, dos Quendi". Mas a palavra *Quenya* é também associada ao radical *quet-* "fala", e os radicais *quet-* e *quen-* de fato podem ser relacionados: Tolkien especulou que "a forma mais antiga deste radical referente à fala vocal era *KWE, do qual *KWENE e *KWETE eram elaborações" (WJ:392). Os mestres da tradição Élficos consideram que *Quendi* significa "aqueles que falam com vozes", e de acordo com Pengolodh, *Quenya* significava verdadeiramente "linguagem, fala" (WJ:393). Contudo, isso pode simplesmente refletir o fato de que o Quenya era a única língua conhecida quando o adjetivo *Quen(d)ya* "dos Quendi" foi aplicado pela primeira vez à fala Élfica (numa elipse de *Quendya lambë* "língua dos Quendi"). Mais tarde a palavra *Quenya* foi usada exclusivamente como o nome para esta linguagem, não um adjetivo genérico significando "Élfico,dos Quendi". Os Noldor, contudo, "não esqueceram sua conexão com a antiga palavra *Quendi*, e ainda consideravam o nome como implicando 'Élfico', isto é, a principal fala Élfica, a mais nobre, e aquele que mais proximamente preservou o antigo caráter da fala Élfica" (WJ:374).

O Quenya é também chamado *parmalambë* "língua dos livros" e *tarquesta* "Alta Fala" (LR:172; cf. "a Alta Fala dos Noldor" em UT:44). Como o Quenya se originou em Valinor, ele pode também ser chamado Valinoreano (SdA 3/V Cap. 8) ou "a fala dos Elfos de Valinor" (Silm. Cap. 15). Após o fim da Primeira Era, muitos Noldor foram morar na ilha de Tol Eressëa, próxima a costa de Aman. Por isso, o Quenya é também conhecido como Eressëano, ou Avalloniano da cidade de Avallonë em Eressëa (LR:41, SD:241). Para o Teleri Amaniano, Quenya era *Goldórin* ou *Goldolambë*, evidentemente significando "Noldorin" e "Língua Noldo", respectivamente IWJ:375). Em Gnômico, a primeira tentativa de Tolkien de reconstruir a linguagem que mais tarde se tornaria o Sindarin, a palavra para Quenya ("Qenya") era *Cwedeglin* ou *Cwedhrin*, mas essas palavras certamente não são válidas no Sindarin maduro (*Parma Eldalamberon* No. 11 pg. 28). O Elfo Glorfindel referiu-se ao Quenya como "a Língua Antiga" (SdA 1/I Cap. 3), e sendo a linguagem de maior prestígio no mundo, é também chamada "a Alta Fala do Oeste", "o Alto Eldarin" (Silm. Cap. 15, *Akakkabêth*) ou "Alto Élfico Antigo" (WR:160). Pelos Númenoreanos, o Quenya era chamado *Nimriyê* ou "língua Nimrian", pois os Dúnedain chamavam os Elfos *Nimrî*, os Belos (SD:414, cf. WJ:386). Mais tarde, Frodo refere-se ao Quenya como "a língua antiga dos Elfos além do Mar" e "a língua... da poesia Élfica" (SdA 1/II Cap. 8). Em Inglês, Tolkien também usou designações como "High-elven – Alto Élfico" (e ocasionalmente nas *Letters* ("Cartas"): "High-elvish") e "Elf-Latin, Elven-Latin – Latim Élfico" (*Letters* pg. 176). Na Terra-média, o Quenya tornou-se uma língua de cerimônia e tradição, assim Tolkien o considerou comparável ao Latim na Europa.

HISTÓRIA EXTERNA

O Quenya, originalmente escrito como "Qenya", tem sua história a partir de pelo menos 1915. Parece que nesse ano, Tolkien, com 23 anos, compilou o "Qenya Lexicon", uma das primeiras listas de palavras Élficas (ver LT1:246). Inúmeras revisões afetando tanto a gramática quanto o vocabulário separam este primeiro "Qenya" das formas mais ou menos finais que são exemplificadas em *O Senhor dos Anéis*, mas o estilo fonético geral estava presente desde o início. Um Quenya quase maduro gradualmente emergiu nos anos 30, mas pequenas revisões foram sendo feitas mesmo enquanto o SdA estava sendo escrito, como a mudança no sufixo do genitivo de –n para –o. Existiram também algumas mudanças na segunda edição revisada do SdA, como quando decidiu que a palavra vánier no Lamento de Galadriel deveria ser avánier.

Por toda a vida, Tolkien continuou a refinar a linguagem do Alto Élfico, que de acordo com seu filho Christopher era a "linguagem como ele gostaria, a linguagem do seu coração" (do programa de TV *J.R.R. Tolkien – A Portrait* (J.R.R. Tolkien – Um Retrato) – da Landseer Productions). Em uma de

suas cartas, Tolkien em pessoa escreveu: “A língua arcaica da tradição foi concebido como um tipo de ‘Latim Élfico’ (Elven-latin), e pela sua transcrição para a escrita parecer proximamente com o Latim... a similaridade visual com o Latim havia aumentado. Realmente, poderia ser dito que é composto de uma base de Latim com dois outros (principais) ingredientes que vem me dar um prazer ‘fonoestético’: Finlandês e Grego. É contudo menos consonantal que qualquer das três. Essa língua é o Alfo Élfico ou, em seus próprios termos, *Quenya* (Élfico)” (*Letters*:176). O Quenya foi a experiência definitiva em eufonia e fonoestética, e de acordo com o gosto de muitos, foi um glorioso sucesso. A estrutura gramatical, envolvendo um grande número de declinações e outras inflexões, é claramente inspirada no Latim e Finlandês.

O exemplo mais longo de Quenya no *O Senhor dos Anéis* é o Lamento de Galadriel, sc. o poema *Namárië* próximo ao fim do capítulo *Adeus a Lórien* (SdA 1/II Cap. 8, começando com Ai! laurië lantar lassi súrinen...) Muitos dos exemplos referidos no texto a seguir foram retirados desse poema. Outros textos importantes em Quenya são o poema *Markirya* em MC:222-223 e *Canção de Fíriel* em LR:72, apesar da gramática destes últimos diferir um pouco do Quenya no estilo SdA; eles representam variantes “Quenya” anteriores. (*Markyria* é bastante tardio e totalmente confiável.)

A ESTRUTURA DO QUENYA: UM BREVE EXAME

Fonologia Elementar

O Quenya possui cinco vogais, a, e, i, o, u, curtas e longas; as vogais longas são marcadas com um acento: á, é, í, ó, ú. A vogal a é extremamente freqüente. A qualidade das vogais é mais similar ao Espanhol ou Italiano que ao Inglês. Para clarificar a pronúncia aos leitores acostumados à ortografia inglesa, Tolkien algumas vezes adiciona uma diarese sobre algumas vogais (por exemplo, Manwë em lugar de Manwe para indicar que o e final não é mudo, ou Eärendil para indicar que as vogais a e e são pronunciadas separadamente e não como na palavra inglesa *ear* – os pontos não são necessários ao significado e podem seguramente ser deixados de lado por exemplo num e-mail). Os *ditongos* são ai, au, oi, ui, eu, iu. (Um sétimo ditongo, ei, parece ocorrer em uma ou duas palavras, mas seu status é incerto.) As *consoantes* são em grande parte as mesmas do Inglês, com as sibilantes sendo a maior exceção: *Ch* como em *church* não ocorre, assim como *j* de *joy*, e ao invés de *sh*, *zh* (o último como *s* em *pleasure*). O Quenya possui um som como o alemão *ich-Laut*, escrito *hy* por Tolkien (por exemplo, hyarmen “sul”). O *h* das palavras inglesas *huge*, *human* é algumas vezes pronunciado como uma variante fraca do som em questão. O Quenya também não tem o *th* (mudo como em *thing* ou sonoro como em *the*); o th surdo ocorreu em estágios iniciais, mas se transformou no s, um pouco antes da rebelião dos Noldor (ver PM:331-333). Também deve ser notado que as consoantes vocais explosivas b, d, g apenas ocorrem nos grupos mb, nd/ld/rd e ng (algumas variedades do Quenya também tinham o lb ao invés do lv). Na há grupos consonantais iniciais, exceto qu (=cw), ty, ny e nw se considerarmos as semivogais y, w como consoantes. Normalmente também não há grupos finais, as palavras terminam em uma das consoantes simples t, s, n, l, r ou com uma vogal, mais freqüentemente o último caso. Entre vogais, um número limitado de grupos consonantais pode ocorrer; aqueles descritos por Tolkien como “freqüentes” ou “favorecidos” estão em itálico: cc, ht, hty, lc, *ld*, ll, lm, lp, lqu, lt, lv, lw, ly, *mb*, mm, mn, *mp*, my, *nc*, *nd*, *ng*, *ngw*, nn, *nqu*, *nt*, nty, *nw*, ny, *ps*, pt, *qu* (para *cw*), rc, rd, rm, rn, rqu, rr, rt, rty, rs, rw, ry, sc, squ, ss, st, sty, sw, *ts*, tt, tw, ty, *x* (para *ks*). Algumas outras poucas combinações podem ocorrer em palavras compostas. A fonologia do Quenya é bastante restritiva, dando à linguagem um estilo e sabor claramente definidos.

Note que no Quenya, a letra c é sempre pronunciada k (assim cirya “barco” = kirya). Tolkien foi inconsistente sobre isto; em algumas fontes as letras k são usadas, mas no SdA ele decidiu escrever o Quenya tão similar ao Latim quanto possível. Em alguns casos, o k das fontes foi regularizado para c no texto a seguir.

O Substantivo

O substantivo Quenya pode ser infletido em 9 ou 10 declinações. (Existem também quatro inflexões de *número*, mas iremos, na maior parte, nos ater ao singular enquanto listarmos as declinações.) O estudante não deve ficar com medo do grande número de declinações. Onde o Inglês ou o Português usam uma preposição na frente do substantivo, o Quenya freqüentemente prefere adicionar um sufixo ao substantivo, não há muito além disso.

O *nominativo* singular é a forma básica, não infletida do substantivo; ele não tem nenhum sufixo especial. A função típica do substantivo no nominativo é ser o sujeito de um verbo, como lómë "noite" ou aurë "dia" nos gritos escutados antes e durante Nirnaeth Arnoediad: Auta i lómë! "A noite está passando!", Aurë entuluva! "Um dia chegará novamente!" (Silm. Cap. 20).

O Quenya falado em Valinor tinha um *acusativo* que era formado pelo alongamento da vogal final do substantivo: cirya "barco" (nominativo), ciryá "barco" (acusativo). Substantivos terminados em consoante presumivelmente não tinham um acusativo distinto. No plural, mesmo substantivos terminando numa vogal tinham o sufixo i, por exemplo, ciryai "barcos" (nominativo ciryar). A função do acusativo era principalmente marcar que o substantivo é objeto de um verbo; não temos exemplos, mas poderíamos construir um como haryan ciryá "eu tenho um barco" (haryan ciryai "eu tenho [alguns] barcos"). Mas na Terra-média a declinação distinta do acusativo desapareceu da fala dos Noldor (isso acontece quando se está ocupado lutando com Orcs, Balrogs, e Dragões), e o nominativo tomou sua função. Assim, desse momento em diante está certo dizer haryan cirya, haryan ciryar. Escritores modernos parecem não ter nunca usado o acusativo distinto.

O *genitivo* tem o sufixo –o, geralmente correspondente ao sufixo inglês *'s*, apesar de que o genitivo Quenya é freqüentemente melhor representado por uma construção "*of-*" em Inglês. Um exemplo do *Namárië* é Vardo tellumar "abóbadas de Varda" ('Varda's domes"). Note que o sufixo –o substitui o –a final, daí Vardo e não Vardao – mas (parece que) outras vogais não eram substituídas: Em MR:329 encontramos Eruo para "do Um, de Eru'. (Se o substantivo já terminar em –o, o sufixo torna-se "invisível"; normalmente o contexto indicará que o substantivo está no genitivo e não no nominativo. Um exemplo atestado é Indis i Ciryamo "a mulher do marinheiro"; cf. ciryamo "marinheiro".) Infrequentemente o genitivo carrega o significado de "de" ("from"), cf. Oiolossëo "do Monte Semprebranco, do Oiolossë" em *Namárië* – mas isto é usualmente expressado usando-se o ablativo (ver abaixo). O sufixo do genitivo plural é –on, que pode ser observado no título Silmarillion "dos Silmarils", sendo a frase completa Quenta Silmarillion "(a) História de(os) Silmarils". Um exemplo do *Namárië* é rámar aldaron "asas das árvores", uma metáfora poética para folhas. O sufixo –on é adicionado não à forma simples do substantivo, mas ao nominativo plural. Assim, apesar de "árvore" ser alda, "das árvores" não é **aldon, mas aldaron, porque o nominativo plural "árvores" é aldar. Também Silmaril, plural Silmarilli, genitivo Silmarillion. (A repetição do l final de Silmaril antes do sufixo é um exemplo de *variação do radical*; alguns radicais mudam ligeiramente quando um sufixo é adicionado, às vezes refletindo uma forma antiga do substantivo.)

Existe também o *possessivo*, para alguns chamado "associativo" ou "adjetival"; o próprio Tolkien fala em um "possessivo-adjetival...genitivo" em WJ:369. Esta declinação tem o sufixo –va (–wa em substantivos terminados em consoantes). Sua função geral é, como a do genitivo em Inglês, expressar propriedade: Mindon Eldaliéva"Torre dos Eldalië". A função do possessivo foi pobremente entendida por muito tempo. Em *Namárië* ele ocorre na frase yuldar ...miruvóreva, "goles ... de hidromel"("draughts... of mead"). Este exemplo em particular, que por mais de 20 anos foi o único que tivemos, fez muitos concluírem que a função dessa declinação era mostrar que algo era *composto de* – de fato, a declinação em si foi chamada de "compositiva". Felizmente, *The War of Jewels*, pg. 368-369 finalmente no deu a explicação do próprio Tolkien para as funções mais

comuns dessa declinação, e como ela diferia do genitivo. O possessivo pode, como foi dito acima, denotar *possessão* ou *propriedade*. Tolkien nos dá o exemplo róma Oroméva "corneta de Oromë", usado para a corneta que pertenceu/pertence a Oromë no momento da narração (passado ou presente). O genitivo róma Oromëo também poderia ser traduzido como "corneta de Oromë", mas apropriadamente ele significaria "uma corneta vinda de Oromë", implicando que a corneta havia deixado a posse de Oromë no momento sendo narrado. Contudo, o genitivo invadiu as funções do possessivo em épocas posteriores. Cf. o genitivo Vardo tellumar, não o possessivo *tellumar Vardava, para "abóbadas de Varda" em *Namárië* (se o genitivo não implica que as abóbadas *se originaram de Varda*, mas que ela *os possui*).

O *dativo* tem o sufixo –n. Esse sufixo é geralmente interpretado como a preposição "para" ("to" ou "for"); o pronome dativo nin "para mim" (de ni "eu") é encontrado em *Namárië*: Sí man i yulma *nin* enquantuva? "Quem agora irá reencher a xícara para mim?" Freqüentemente o dativo corresponde ao objeto indireto em Inglês e Português: *I nís antanë i *hínan* anna "a mulher deu *à criança* um presente" - deu um presente *para a criança* ("the woman gave *the child* a gift").

O *locativo* possui o sufixo –ssë, que carrega o significado de *em* ("in" ou "on"). Na versão Tengwar de *Namárië* que é encontrada em RGEO, o poema tem o sobrescrito Altariello Nainië *Lóriendessë*, "Lamento de Galadriel em *Lóriendë* (Lórien)". No plural, o sufixo tem a forma –ssen, visto na palavra mahalmassen "em tronos" em UT:305 cf. 317 (mahalma "trono"). Este sufixo também ocorre no pronome relativo ya em Namárië: yassen "no qual, em qual" ("wherein, in which") (Vardo tellumar... yassen tintilar i eleni, *"abóbadas de Varda... nas quais (onde) estrelas tremulam"). Referindo-se à palavra em singular, "no qual" presumivelmente seria yassë. O uso dos sufixos de declinações ao invés de preposições para expressar "em, de, para, com" ("in, from, to, with") é uma característica da gramática Quenya.

O *ablativo* tem o sufixo –llo, que possui o significado de *"de"* ou *"vindo de"* ("from" e "out of"). Um exemplo do *Namárië* é sindanóriello "vindo de uma terra cinzenta" (sinda-nórie-llo: "cinzento-terra-vindo de"). Há também a palavra Rómello *"de(o) Leste", contração de *Rómenello (Rómen "[o] Leste"). Cf. também a palavra Ondolindello "de Ondolindë (Gondolin)" em *J.R.R Tolkien – Artist and Illustrator* (J.R.R. Tolkien – Artista e Ilustrador), pg. 193.

O *alativo* possui o sufixo –nna, significando "para" ("to", "into" ou "upon"). Tanto o ablativo quanto o alativo são exemplificados pelas palavras ditas por Elendil quando chegou à Terra-média após a Queda de Númenor, e repetidas por Aragorn na sua coroação (SdA 3/VI Cap. 5): Et Eärello Endorenna utúlien "Do Grande Mar para a Terra-média vim" (Endor(e)-nna "para Terra-média"). O alativo pode também ter o significado de "sobre" ("upon"): cf. i falmalinnar ("sobre as ondas espumantes") em *Namárië* (–linnar sendo o sufixo do alativo plural partitivo; ver abaixo).

A declinação *instrumental* tem o sufixo –nen e indica o *instrumento* com o qual algo é feito, ou simplesmente a *razão* porque algo ocorre. Exemplos dos *Namárië* são laurië lantar lassi *súrinen* "como ouro caem [as] folhas *ao (com/pelo) vento*", i eleni [tintilar] *airetári-lírinen* "as estrelas tremulam *com a canção, sagrada e rainha*", literalmente *"as estrelas tremulam com a canção da rainha sagrada". Um exemplo de instrumental mais tipicamente "instrumental" é dado pela frase carir quettar *ómainen* "os que formam palavras *com vozes*" (WJ:391), ómainen sendo o instrumental plural de óma "voz".

Respectivo(?): Esta é a maneira que alguns têm chamado uma declinação que é listada numa carta que Tolkien enviou a Dick Plotz na segunda metade dos anos 60 (a chamada *Plotz Letter* é de fato nossa principal fonte de informações sobre as declinações do Quenya). O sufixo é –s (no plural –is), mas Tolkien não identificou a declinação com qualquer nome, nem nunca a vimos usada num texto. Sua função é assim totalmente desconhecida; ela tem sido de fato chamada de Declinação Misteriosa ("Mistery Case"). Alguns escritores tem usado-a simplesmente como um sufixo

alternativo ao locativo. Eles não têm tido visitas noturnas de Tolkien depois disso, assim talvez isso seja aceitável para ele.

Se os sufixos de declinação são adicionados a um substantivo terminado em consoante, em e é freqüentemente inserido entre o substantivo e o sufixo para se evitar o grupo difícil que nasceria: Elendil com o sufixo alativo –nna "para" torna-se Elendilenna "para Elendil" (PM:401), e não **Elendilnna. Se o sufixo é plural, um i é inserido entre o substantivo e o sufixo: elenillar "das estrelas" (elen "estrela") (MC:222).

As inflexões de número do Quenya: As inflexões de número são *singular*, *plural*, *plural partitivo* e *dual*. O singular e o plural não necessitam de explicação. A função do *plural partitivo* (chamado por Tolkien de "partitive plural" em WJ:388) em oposição ao plural normal não é totalmente compreendida, mas parece que ele denota *alguns* de um grupo maior. Combinado com o artigo definido i, ele pode denotar simplesmente "muitos" ("many"): o elemento li na frase i falmalinnar "sobre as ondas espumantes" em *Namárië* foi traduzida como "muitas" por Tolkien na sua tradução interlinear em RGEO:66-67. Como –li é o sufixo para o plural partitivo, ele foi por muito tempo chamado de "plural múltiplo"; de fato, foi pensado que ele simplesmente significava "muitos" ("many") da coisa em questão, enquanto o plural normal apenas significava "alguns" ("several"). Isto pode estar correto em alguns casos, mas não pode ser a história toda. O *dual* é usado com referência a um par natural, como duas mãos pertencentes a uma pessoa (cf. a palavra máryat "suas (dela) mãos" em *Namárië*, –t sendo o sufixo dual, literalmente "seu par de mãos".

O *nominativo plural* é formado com um de dois sufixos. O sufixo –r é usado se o substantivo termina com qualquer vogal exceto –ë, exemplos bem conhecidos são Vala pl. Valar, Elda pl. Eldar, Ainu pl. Ainur. Se o substantivo termina em consoante ou em –ë, o sufixo do plural é –i, e ele substitiu o –ë final: Atan pl. Atani, Quendë pl. Quendi. (Mas se o substantivo termina em –ië, ele forma seu plural em –r para evitar um i seguindo outro: tië "caminho", tier "caminhos" – não **tii). Nos outras declinações, o sufixo de plural é –r ou –n; por exemplo, o sufixo alativo –nna tem a forma plural –nnar, o sufixo do locativo –ssë torna-se –ssen, e o ablativo –llo pode formar seu plural tanto em –llor e –llon. No dativo, instrumental e "respectivo", o plural é indicado pelo elemento –i, inserido entre o radical do substantivo e o sufixo da declinação no singular. (Veja a lista completa de sufixos abaixo.)

O *plural partitivo* tem o sufixo –li, presumivelmente *–eli num substantivo terminado em consoante, mas uma forma contraída ou assimilada pode também ser usada (por exemplo, o plural partitivo de casar "anão" é casalli, de *casarli). Os sufixos das outras declinações são simplesmente adicionados seguindo-se ao sufixo –li, por exemplo, ciryali "alguns barcos" > alativo ciryalinna (ou ciryalinnar) "para alguns barcos". Note, contudo, que a vogal de –li é alongada antes dos sufixos –va e –nen para o possessivo e o instrumental, respectivamente: –líva, –línen.

Como o nominativo plural, o *nominativo dual* é formado com um de dois sufixos. A maioria dos substantivos tomam o sufixo –t, como na palavra máryat "suas mãos" (duas mãos, um par de mãos) em *Namárië*. "Dois barcos, um par de barcos" é, da mesma forma, ciryat (cirya "barco"). Mas se a última consoante do radical é –t ou –d, prefere-se o sufixo –u: Alda "árvore", Aldu "as Duas Árvores". Nas outras declinações, um –t é às vezes inserido ou adicionado aos vários sufixos: por exemplo, os sufixos –ssë, -nna e –lto (ciryatsë, ciryanta, ciryalto "em/para/de um par de barcos"). O sufixo instrumental –nen torna-se –nten, enquanto o sufixo dativo –n torna-se –nt (ciryant "para um par de barcos" – este é o único caso conhecido de um grupo consonantal sendo permitido no final de uma palavra em Quenya).

Estes são, então, os sufixos Quenya das declinações:

Nominativo: sg. sem sufixo, pl. –r ou –i, pl.part. –li (Quenya Literário –lí), dual –t ou –u.

Acusativo (no Quenya Literário somente): sg. alongando a vogal final (se houver), pl. –i, pl.part. –lí, dual provavelmente alongando o –u final para –ú (não há acusativo distinto no caso de duais de t?)
Dativo: sg. –n, pl. –in, pl.part. –lin, dual –nt (mas possivelmente –en seguindo um dual em –u).
Genitivo: sg. –o, pl. –on (adicionado ao nom.pl.), pl.part. –lion, dual –to.
Possessivo: sg. –va, pl. –iva, pl.part. –líva, dual –twa.
Locativo: sg. –ssë, pl. –ssen, pl.part.-lisse(n), dual –tsë.
Alativo: sg. –nna, pl. –nnar, pl.part. –linna(r), dual –nta.
Ablativo: sg. –llo, pl. –llon ou –llor, pl.part. –lillo(n), dual –lto.
Instrumental: sg. –nen, pl. –inen, pl.part. línen, dual –nten
Respectivo: sg. –s, pl. –is, pl.part. –lis, dual –tes.

(Ver o Apêndice para exemplos de substantivos Quenya em todas as declinações.)

O Artigo

O Quenya possui o artigo definido i "o/a/os/as" ("the"), por exemplo, i eleni "as estrelas" em *Namárie*. Não há artigo indefinido como no Português ("um/uma/uns/umas") ou Inglês ("a, an") ; a ausência do artigo i usualmente indica que o substantivo é indefinido: Elen "estrela" deve ser interpretado como "uma estrela", enquanto a gramática inglesa requer um artigo, como na famosa saudação Elen síla lúmenn'omentielvo "*uma* estrela brilha sobre a hora do nosso encontro" (SdA 1/I Cap. 3). Mas algumas vezes as traduções de Tolkien introduzem um "o – the" onde não há um i no original, cf. a primeira linha de *Namárië*: Ai! lauriё lantar lassi... "Ah! como ouro caem *as* folhas... – like gold fall *the* leaves..." em vez de "(umas) folhas – (some) leaves".

O Verbo

Existem duas classes de *verbos* no Quenya. Uma classe tem radicais que são apenas raízes puras sem sufixos, como quet- "falar", mat- "comer", sil- "brilhar": o padrão é (consoante-)vogal-consoante. Esta classe pode ser chamada radicais verbais *básicos* (cf. WJ:370). O outro tipo de verbos, que podem então ser chamados de verbos "derivados", possuem radicais com um sufixo, freqüentemente –ya ou –ta. Exemplos das Etimologias (LR:347-400) incluem metya- "por um fim em" do radical primitivo MET, ou tulta "conjurar/convocar" de TUL (cujo radical também é produzido pelo verbo básico tul- "vir").

O *infinitivo* é freqüentemente um problema. Um sufixo –ië é mencionado em UT:317, reportado como infinitival ou gerundial: enyalië "relembrar". (Quando significa "[apropriado] para relembrar", o sufixo dativo –n é adicionado: enyaliën.) Este sufixo pode provavelmente ser usado em todos os radicais verbais básicos: *quetië "falar", *matië "comer", *tulië "vir". Talvez ele possa ser usado em alguns radicais verbais terminados em vogais: no Antigo Sindarin (o "ON" das Etimologias) encontramos ortië como infinitivo de orta- "nascer, levantar" (LR:379), e o Sindarin Antigo é bem próximo ao Eldarin Comum, o ancestral comum do Quenya e Sindarin. Assim, podemos assumir que os verbos Quenya em –ta, e possivelmente a maioria dos radicais verbais terminados numa vogal, têm infinitivos formados descartando-se a vogal final e adicionando-se –ië: anta- "dar", infinitivo *antië, harna- "ferir", infinitivo *harnië etc. (não atestado por exemplos.) Mas e sobre os vários verbos em –ya, como metya "por fim em"? Formas como *metyië são dificilmente possíveis, pois a combinação yi não ocorre na linguagem. Talvez todo o sufixo –ya desapareceria, o infinitivo de metya sendo *metië, ou talvez o próprio radical metya seja usado com infinitivo. Não sabemos. Até certo ponto, o problema todo pode ser evitado: Parece que ao invés de usar esse gerúndio em –ië, o Quenya geralmente usa simplesmente um radical verbal onde o Inglês usa o infinitivo. Na frase áva carë "não fazer [isso]" (WJ:371), carë "fazer" parece ser um "radical aorista" (cf. abaixo)

formado pelo radical verbal básico car- “fazer” com o sufixo –ë. Outros verbos básicos deveriam se comportar da mesma forma, por exemplo, *áva tulë “não vir”. Verbos derivados (com sufixos como –ya e –ta) deveriam presumivelmente permanecer inalterados nessas construções (exemplo inventado: *Ava hilya Fëanaro Endorenna “não seguir Fëanor para a Terra-média”, o radical derivado hilya “seguir” sendo usado como infinitivo).

O *tempo presente* (ou *continuativo*) é formado pelo sufixo –a. Nos numerosos radicais verbais que já terminam em –a, como os verbos em –ya e –ta, ele é logicamente “invisível”: lanta é o radical do verbo “cair”, mas também o tempo presente “cai, está caindo”. Quando –a é adicionado ao radical de um verbo básico, “forte”, a vogal do radical parece ser alongada: sil- “brilhar” > sílan “está brilhando”, mel- “amar” > méla “está amando” (não simplesmente **sila, **mela). As formas *aoristas* correspondentes (silë, *melë, ver abaixo) significam mais “brilha”, “ama”, sem o aspecto continuativo.

Os verbos básicos têm também uma forma distinta chamada *aorista* por Christopher Gilson e Patrick Wyne, apesar de sua função não ser exatamente a mesma do aorista do Grego Clássico. Nosso melhor exemplo do aorista é a frase i carir quettar ómainen “os que formam palavras com vozes” (WJ:391). Esta é uma descrição dos Elfos, assim aqui o verbo aorista carir “formar” denota uma “verdade atemporal” além de tempos verbais específicos. O aorista tem o sufixo –ë, que muda para –i se algum sufixo é adicionado. RS:324 indica que o aorista de sil- “brilhar” é silë ou silir com o sufixo de plural –r (adicionado quando o sujeito está no plural, ver abaixo). Nas Etimologias em LR:347:400, muitos verbos básicos são dados na primeira pessoa aorista (com o sufixo –n “eu”), por exemplo lavin “eu conquisto – I lick”, tirin “eu observo – I watch” (ver LAB, TIR), também alguns verbos são dados na terceira pessoa aorista (por exemplo tinë “ele brilha” sob TIN). Em VT39:11, macë (aqui descrito como “fazer”, “make”) é traduzido como “corta com espada”. Está também é uma forma “aorista”, assumindo que este é o termo apropriado. Parece que a relação entre macë e a forma correspondente no tempo presente (ou continuativo) macä corresponde proximamente ao português “corta” vs “está cortando”.

O *tempo passado* de um verbo regular *derivado* parece ser formado com o sufixo –në, por exemplo orta- “levantar, nascer”, passado ortanë (cf. a linha do *Namárië*: Varda... máryat ortanë *”Varda... levantou suas mãos”, em Inglês “Varda... raised her hands”, traduzido por Tolkien como “Varda...has uplifted her hands”). Os verbos básicos, “fortes”, sempre formam seu passado com uma *infixação nasal* + sufixo –ë, por exemplo quet- “dizer” > quentë “dito”, top- “cobrir” > tompë “cobriu”. (O infixo tem a forma m antes de p e n antes das demais letras.) Mas no caso de um verbo básico terminado em r ou m, o sufixo –në é usado, como no caso dos verbos derivados: tir- “observar”, tirnë “observou”, tam- “bater” > tamnë “bateu”. Do mesmo modo, radicais verbais básicos terminados em N comportam-se da mesma maneira: cen- “ver”, passado talvez *cennë “viu” (não atestado). Quando o radical termina em –l, o sufixo –ne parece ser assimilado para –lë, assim o passado de wil- “voar” é willë. (Compare com ullë, “derramou”, num tempo passado aparentemente formado diretamente do radical UL [WJ:400 – porém ULU em LR:396]. Mas “derramou” no sentido transitivo é ulyanë, formado do verbo derivado ulya-). Existem também alguns verbos que fazem seu passado pelo alongamento da vogal do radical e acrescentando-se –ë, por exemplo, o tempo passado de lav- “conquistar” é lávë. (Durante algum tempo, Tolkien pode ter estado a brincar com a idéia de tomar isso como o sistema universal; em LR:46,72 encontramos túlë como passado de tul- “vir” e caré como o passado de car- “fazer”, ao invés das formas esperadas *tullë, carnë – este último é realmente dado em LR:362 sob KAR).

O tempo *perfeito* (presente perfeito) dos verbos básicos é formado pelo descarte da vogal final (se houver), adicionando-se o sufixo –ië, alongando-se a vogal do radical e prefixando um *aumento* ao radical. O *aumento* é típico da vogal do radical, assim radicais verbais como hat- “quebrar”, tec- “escrever”, ric- “torcer”, top- “cobrir”, tul- “vir” tem os *augments* a, e, i, o, u, respectivamente. Portanto, os tempos perfeitos desses verbos devem ser *ahátië “está quebrado”, *etécië “está

escrito", iríciё "está torcido" (atestados em VT39:9), *otópiё "está coberto", utúliё "está vindo" (esta última forma é atestada em diversos lugares: utúliё'n aurё "o dia está vindo" (Silm. Cap. 20), Endorena utúlien "para a Terra-média eu estou vindo" (SdA 3/VI Cap. 5)). Verbos não básicos, derivados, como harna- "ferir" ou horta- "urgir" não podem alongar a vogal porque ela é seguida por um grupo consonantal: perfeitos aharniё, ohortiё?

Não temos um bom exemplo do perfeito de verbos em –ya como harya- "possuir"; uma forma como ?aharyiё é provavelmente impossível, pois yi não parece ocorrer na linguagem. Minha suposição é que o sufixo –ya desapareça sem deixar traços, e que a parte remanescente do radical verbal possa ser tratada como um "básico": perfeito ahárië. Esta é também a suposição de Christopher Gilson e Patrick Wynne na sua sucinta gramática Quenya (se de fato eles estão supondo).

No corpus há alguns exemplos de perfeitos que não possuem o *aumenot*, por exemplo, fíriё "está morto" ("hath breathed forth") em MR:250 (em vez de *ifíriё, não atestado).

O tempo *futuro* é formado pelo descarte da vogal final do radical(se houver) e adicionando-se o sufixo –uva; os exemplos do *Namárie* incluem enquantuva "irá reencher" e hiruva "encontrará". O radical do primeiro (ignorando-se o prefixo en- "re") é quat- "encher" (WJ:392), sugerindo que os verbos que mostram infixação nasal no passado também a possuem no futuro.

O *imperativo* toma o sufixo –a, como no tempo presente, assim laita = tempo presente "consagrar, glorificar" ou imperativo "glorifica!" (neste caso, o radical já termina com um –a, assim ambos os sufixos estão "invisíveis"). Radicais verbais básicos têm modos distintos de formar seus imperativos, pois os últimos não alongam as vogais do radical no imperativo: SIL- "brilhar" > presente síla "brilha", imperativo *sila! "brilha!". Uma partícula independente a ou á é freqüentemente usada com imperativos: A laita te, laita te! "Louvai-os, louvai-os!" (a consagração que Frodo e Sam receberam nos Campos de Cormallen, traduzidos em Letters:308); á vala Manwё "que Manwё o ordene" ("may Manwё order it") (WJ:404, lit. *"o rule Manwё!"). O imperativo normalmente não possui número (se o comando é direcionado a uma ou diversas pessoas). Contudo, os imperativos podem tomar um sufixo pronominal opcional –t e –l, denotando singular e plural, respectivamente.

Não sabemos se o Quenya possuía uma forma *subjuntiva* ou *optativa*. Existe uma "fórmula de desejo" que envolve nai "seja isso" ("be it that") + um verbo no tempo futuro, cf. nai hiruvalyё Valimar nas linhas finais de *Namáriё*. Em SdA a tradução "talvez hajas de encontrar Valimar" – "maybe thou shalt find Valimar" – é dada, mas as notas de Tolkien em RGEO indicam que isso era realmente *um desejo*: "Possam vocês encontrar Valimar!" – "May thou find Valimar!". Cf. também UT:317: Nai tiruvantes = "seja que eles o mantenham, possam eles mantê-lo" – "be it that they will keep it, may they keep it".

Verbos finitos ("finite verbs") concordam em número com sujeitos no plural adicionando-se um sufixo –r, como na primeira linha de Namáriё: lauriё *lantar* lassi "como ouro *caem* as folhas", com o verbo concordando com seu sujeito no plural lassi "folhas". O singular "como ouro cai uma folha" seria *laurёa *lanta* lassё sem o sufixo plural –r no verbo. (Note que o adjetivo traduzido "como ouro", literalmente "douradas", também passa do plural para o singular – ver abaixo.)

O Adjetivo

Muitos adjetivos Quenya terminam com a vogal a:

laiqua "verde"
alassёa "feliz" (de alassёn "felicidade")
númenya "ocidental" (de númen "ocidente/oeste")

vanya "belo, claro"
morna "negro"
melda "querido, amado" (originalmente *melnâ; o sufixo –na e –da pode algumas vezes ter a mesma origem, n sendo assimilado pelo d quando seguido pelo l)

Existem também alguns adjetivos terminando em ë, como carnë "vermelho", varnë "escuro" ou inimeitë "feminino". Deve notar-se que no Quenya maduro parece não haver adjetivos em –o ou –u. Relativamente poucos adjetivos terminam numa consoante – tipicamente n, como em firin, qualin "morto" (por causas naturais e por acidente, respectivamente).

Os adjetivos concordam em número com o substantivo que descrevem. Adjetivos em –a possuem formas plural em –ë, adjetivos em –ë ou numa consoante têm formas no plural em –i, e adjetivos em –ëa têm formas em plural em –ië:

vanya vendë	"uma bonita moça"	>	vanyë vendi	"bonitas moças"
carnë parma	"um livro vermelho"	>	carni parmar	"livros vermelhos"
laurëa lassë	"uma folha dourada"	>	laurië lassi	"folhas douradas"
firin casar	"um anão morto"	>	firini casari	"anões mortos"

Assim, na primeira linha de Namárië encontramos laurië lantar lassi, "como ouro (lit. douradas) caem as folhas", enquanto "dourada cai uma folha" seria laurëa lanta lassë (tanto o verbo quanto o adjetivo concordam com lassë, lassi "folha, folhas" em número).

O presente escritor uma vez pensou que o nome do jornal Vinyar Tengwar continha um erro; se o sentido pretendido fosse "Novas Cartas", seria Vinyë Tengwar (vinya "novo", tengwa "carta"). Mas como Carl F. Hostetter subseqüentemente explicou, o sentido pretendido é "Cartas de Novas – News Letters", assim vinya é infletido como um substantivo. Este escritor estava ainda cético sobre a construção total e achou que deveria ser Tengwar Vinyaron "Cartas de Novas – Letters of News" ou algo similar, mas o material que foi desde então publicado mostra que "compostos frouxos – loose compounds" desse tipo realmente são possíveis. (Última linha da defesa queixosa: Tengwa é apenas atestada com o sentido de "letra = caracter", não "carta"! – em Inglês, "letter" significa tanto "letra" quanto "carta".) Pode notar-se que em algumas variantes iniciais do Quenya (ou "Qenya"), os adjetivos realmente tinham formas no plural em –r; cf. LR:47, onde raikar é usado como plural de raika "curvo". Tolkien revisou a gramática posteriormente.

Uma forma *superlativa* do adjetivo deriva da prefixação an-: Calima "brilhante", Ancalima "a mais brilhante" (Letters:279). Não sabemos como construir o comparativo ("mais brilhante que"), apesar do elemento yanta- ser comparado ao Gnômico *gantha-* "mais" numa lista de palavras bastante inicial compilada por Tolkien (veja *Parma Eldalamberon* No. 11, pág. 37, onde a interpretação errônea "yonta" ocorre; este erro foi apontado em *Parma Eldalamberon* No. 12, pág. 106 – contudo, as fontes posteriores também estabelecem que yanta- é realmente o verbo "crescer, alargar", assim, esta pode não ser a palavra para "mais").

Os Particípios

O particípio presente (ou ativo) descreve a condição na qual você está quando está fazendo algo: se você *vai* ("you *go*"), você está *indo* ("you are *going*"); se você *pensa*, você está *pensando*. No Inglês, o particípio presente é uma forma derivada do radical verbal correspondente pela adição do sufixo *–ing*; no Português temos os sufixos *–ando*, *–endo*, *–indo*, *–ondo*, *–undo*. O sufixo Quenya equivalente é –la. Existem alguns exemplos no poema Markirya (MC:221-222 cf. 223). Por exemplo, o particípio falastala "espumando" é derivado do radical verbal falasta- "espumar". Se a vogal do radical verbal não é seguida por um grupo consonantal (ou outra vogal), ela é alongada: o particípio de hlapu- "voar" (no vento, em spray etc.) é hlápula. Radicais verbais básicos como sil-

podem ser transformados em “radicais continuativos” (com vogal longa e final a: síla-) antes que o sufixo do particípio seja adicionado, assim “brilhando” pode ser sílala (atestado no poema Markirya com um radical “freqüentativo” sisílala, com a duplicação da primeira sílaba). Mas a vogal de conexão também pode ser i, sem o alongamento da vogal do radical; cf. itila “piscante, brilhante” em PM:363 (radical it-, ainda que o radical verbal ita- seja também dado).

O particípio passado (ou passivo) descreve a condição que você entra se você estiver exposto à ação do verbo correspondente (se alguém *vê* você, você é *visto*; se alguém *mata* você, você irá estar, após isso, *morto*) ou, no caso de alguns verbos, a condição que você está após ter completado a ação descrita pelo verbo (se você *foi*, você terá *ido*). Em Quenya, muitos particípios passados são formas derivadas do verbo correspondente com o sufixo –na ou –ina. O particípio passado de car- “fazer” é carna “feito”; o radical rac- significa “quebrar”, enquanto rácina é “quebrado” (se não há um grupo consonantal seguindo a vogal do radical, essa vogal parece ser alongada quando o sufixo do particípio é adicionado, como a > á neste caso). Se o radical termina com l, o sufixo –na é assimilado para –da: mel- “amar”, melda “amado” (a glossa de Tolkien deste último, “querido” (“beloved, dear”) ao invés de “amado” (“loved”), indica que uma distinção entre adjetivos e particípios às vezes torna-se confusa).

O particípio passado provavelmente concorda com o substantivo que ele descreve (pelo –a final tornando-se –ë no plural, como com os adjetivos normais), mas o particípio presente não troca o –la por –lë como poderia se esperar; parece ser indeclinável (MC:222: rámar sisílala “asas brilhando”, não **rámar sisílalë). Talvez isso seja para evitar confusão com o sufixo verbal do substantivo –lë “-ing” (como em Ainulindalë “a Música dos Ainur”, literalmente *”Ainu-cantando”).

Pronomes

Os pronomes têm sido sempre um problema. Existem muitos pontos incertos, e todo o assunto é ainda mais confundido pelo fato de que Tolkien parece ter revisado o sistema pronomial repetidamente. O sistema esquematizado aqui é formado por partes de várias fontes e envolve tanto extrapolações, reconstruções e algumas escolhas inegavelmente arbitrárias. Nem por um segundo eu acredito que está 100% de acordo com as intenções finais de Tolkien.

Uma coisa, pelo menos, é perfeitamente clara: os pronomes Quenya usualmente aparecem como *sufixos* diretamente adicionados a um verbo ou substantivo, e não tão freqüentemente como palavras independentes, como no Inglês e no Português. Exemplos do *Namárië* são as palavras máryat e hiruvalyë. Máryat significa “suas mãos”, “suas - dela” sendo expresso pelo sufixo pronominal –rya (aqui seguido pelo sufixo dual –t para denotar o par natural de mãos). Hiruvalyë é “vós acharás – thou shalt find”, “vós – thou” sendo expresso pelo sufixo pronominal –lyë adicionado ao verbo hiruva “encontrará – shall (shalt) find”. Cf. também o sufixo –n “eu” nas palavras de Elendil Endorenna utúlien, “para Terra-média eu vim – to Middle-earth I am come” (utúlië-n “vim eu – have-come I”).

Esta é uma tentativa, e nada mais, de compilar uma tabela de sufixos pronominais usados em verbos:

1ª pessoa singular: -n ou –nyë “eu – I”
2ª pessoa singular e plural, cortês: -tyë “vós - thou, *you” (ou use –lyë = “vós – thou” e –l para plural “vós - you”)
2ª pessoa singular e plural, familiar: *ccë “tu – you” (baseado no sufixo Sindarin –ch, bastante hipotético!)
3ª pessoa singular masculino: -ro “ele – he”
3ª pessoa singular feminino: -rë “ela – she”

3ª pessoa singular neutro: -s “ele neutro – it” (pode também ser usado como um sufixo curto para “ele” e “ela”)
1ª pessoa plural: -mmë “nós – we” (exclusivo), -lmë “nós-we” (inclusivo)
1ª pessoa dual: *lvë “nós – we” (inclusivo, “tu e eu (thou and I)” – alguns pensam que deveria ser *lwë)
3ª pessoa plural: -ntë “eles/elas”

Note que há uma distinção entre o “nós” *inclusivo* e *exclusivo*, dependente da pessoa endereçada estar ou não incluída no “nós”. Note também que –lme é inclusivo, e *não* o “nós” exclusivo – “nós” exclusivo é –mmë! O sufixo *-lvë (ou *lwë?) é o nós inclusivo *dual*, sc. “nós” significando “tu e eu”, não o “nós” (plural) geral inclusivo. Esta parte do sistema pronominal Quenya tem sido longamente incompreendido (em “*An Introdunction to Elvisth – Uma Introdução ao Élfico”* de Jim Allan, *”Basic Quenya – Quenya Básico”* de Nancy Martsch etc.)

Exemplos: lendë “foi - went”, *lenden ou *lendenyë “eu fui – I went”, *lendelyë “vós fostes – you [polite] went”, *lendeccë “tu foste – you [familiar] went”, *lendéro “ele foi”, *lendérë “ela foi”, *lendes “ele(neutro)/ele/ela foi – it [*or he/she*] went”, *lendemmë “nós [*exclusivo*] fomos – we [*exclusive*] went”, *lendelmë “nós [*inclusivo*] fomos – we [*inclusive*] went”, lendelvë (lendelwë?) “nós [*dual*] fomos – we [= *thou and I*] went”, *lendentë “eles foram – they went”. (Note que os sufixos –ro e –rë fazem com que a vogal prévia torne-se longa.) O *objeto* pode também ser expresso como um sufixo pronominal adicionado diretamente ao verbo, seguido pelo sufixo denotando o sujeito. Cf. a exclamação de Aragorn quando ele encontrou a muda da Árvore Branca: Utúvienyes!, “Eu a encontrei – I have found it” (utúvie-nye-s “have found-I-it”; SdA 3/VI Cap. 5), ou uma palavra do Juramento de Cirion: tiruvantes “eles o manterão – they will keep it” (tiruva-nte-s “manterão-eles-ele – will keep-they-it”, UT:317).

Como é indicado pela palavra máryat “suas mãos” discutida acima, mesmo pronomes possessivos como “sua, seu, meu” são expressos por sufixos em Quenya, adicionados diretamente ao substantivo (neste caso má “mão”). Os sufixos de possessivo usados nos substantivos na sua maior parte correspondem ao sufixo pronominal usado nos verbos, mas com o sufixo –a:

1ª pessoa singular: -nya “meu – my”
2ª pessoa singular e plural, cortês: -lya “vosso - thy, *your”
2ª pessoa singular e plural, familiar: *-cca “teu – your” (baseado no sufixo Sindarin, bastante hipotético!)
3ª pessoa singular: -rya “seu, sua, dele, dela – his, her (e possivelmente “its”)
1ª pessoa plural: *-mma “nosso – our (exclusivo)”, *lma “nosso – our (inclusivo)”
1ª pessoa dual: *lva “nosso – our (inclusivo, “tu e eu – thou and I” – alguns pensam que deveria ser *-lwa)
3ª pessoa plural: *-nta “deles – their”

Exemplos: parma “livro”, *parmanya “meu livro”, *parmalya “vosso livro – your (polite) book”, *parmacca “teu livro – your (familiar) book”, *parmarya “seu livro (dele, dela – his, her, its)”, *parmamma “nosso (exclusivo – não seu) livro”, *parmalma “nosso (inclusive seu) livro”, *parmalva (ou *parmalwa?) “nosso (teu e meu) livro”, *parmanta “seu livro (deles)” (este último não deve ser confundido com o dual alativo “para um par de livros”). No caso de substantivos terminando com uma consoante, um e pode ser inserido entre o substantivo e o sufixo do possessivo, por exemplo, macil “espada”, *macilerya “espada dele”. No plural, o sufixo plural –i pode servir para separar substantivo e sufixo, por exemplo *macili “espadas”, *maciliryar “espadas dele” – mas como vemos, um sufixo adicional de plural –r pode aparecer após o sufixo; cf. o próximo parágrafo. Existem algumas indicações de que o sufixo –nya “meu” sempre prefere i como sua vogal de ligação, mesmo no singular, como em Anarinya “meu Sol” em LR:72 (Anar “Sol”). Assim, *macilinya “minha espada”.

As formas com sufixos possessivos são infletidos como substantivos normais. Exemplos: Nominativo parmanya "meu livro" (pl.*parmanyar "meus livros"), genitivo *parmanyo "do meu livro – of my book" (pl. *parmanyaron), possessivo *parmanyava "do meu livro – my book's" (pl. *parmanyaiva), dativo *parmanyan "para meu livro" (pl *parmanyain), locativo *parmanyassë "no meu livro" (pl. *parmanyassen), alativo *parmanyanna "para meu livro" (pl. *parmanyannar) ablativo *parmanyallo "do meu livro – from my book" (pl. *parmanyallon ou *parmanyallor), instrumental *parmanyanen "pelo meu livro" (pl. *parmanyainen) – e respectivo *parmanyas pl. *parmanyais, seja o que for que isto signifique. Exemplos atestados são tielyanna "em teu caminho - upon your path" em UT:22 cf. 51 (tié-lya-nna "caminho-seu-sobre – path-your-upon") e omentielvo "do nosso encontro" na famosa saudação Elen síla lúmeen' omentielvo "uma estrela brilha na hora do nosso encontro" (omentie-lva-o "encontro-nosso-do", o sufixo do genitivo –o substitui o –a final do sufixo pronominal; cf. Vardo para **Vardao).

Contudo, o Quenya possui pronomes independentes além dos numerosos sufixos discutidos acima. Alguns deles são enfáticos. As linhas finais de *Namárië* nos provêm com um bom exemplo. Na frase nai hiruvalyë Valimar "hajas de encontrar Valimar – maybe thou find Valimar", "vós – thou" é expresso pelo sufixo –lyë adicionado ao verbo hiruva "encontrará – shall find", como explicado acima. Mas na frase seguinte, nai elyë hiruva "possas mesmo vós encontrá-la – maybe even thou shalt find [it]", o *pronome independente* correspondente elyë é usado para ênfase: assim a tradução "mesmo vós – even thou". Outro pronome independente atestado é inyë "(mesmo) eu – (even) I". Assume-se que muitos dos pronomes independentes são formados pelo prefixando-se –e ao sufixo pronominal correspondente, como *emmë "(mesmo) nós – (even) we", mas essas formas não estão atestadas em nosso pequeno corpus. As palavras de ênfase para "ele, ela – he, she, it" são incertas.

Outros pronomes independentes, aparentemente não enfáticos, incluem ni "eu" (dativo nin "para mim" em *Namárië*), tye "thee, you (como objeto)", ta "ele (neutro) – it", te "eles – them" (e *"they"?), me "we" (dual me[t] "nós dois" em *Namárië*). "Ele,ela – he, she" pode ser so, se (cf. LR:385).

APÊNDICE: EXEMPLOS DE SUBSTANTIVOS QUENYA EM TODAS AS INFLEXÕES

Os exemplos a seguir foram na maior parte listados por Tolkien na chamada Plotz Letter, carta enviada a Dick Plotz em meados de 60; reproduzidos por Nancy Martsch no Apêndice A em *Basic Quenya (Quenya Básico)*:

1. CIRYA "barco" (um R – plural)
Singular: nominativo cirya "um barco", (acusativo ciryá no Quenya Literário arcaico apenas,) dativo ciryan "para um barco", genitivo ciryo "do barco – of/from a ship", possessivo ciryava "do barco – of a ship", locativo ciryassë "em um barco – on/in a ship", alativo ciryanna "para um barco – to a ship", ablativo ciryallo "de um barco – from a ship", instrumental ciryannen "com um barco – with/by a ship", respectivo ciryas (significado desconhecido).

Plural: nominativo ciryar "barcos", (acusativo ciryai no Quenya Literário, posteriormente ciryar,) dativo ciryain, genitivo ciryaron, possessivo *ciryaiva (não está em Plotz), locativo ciryassen, alativo ciryannar, ablativo ciryallon (ou *ciryallor, não está em Plotz), instrumental ciryaainen, respectivo ciryais.

Plural Partitivo: nominativo ciryali *"alguns navios" (no Quenya Literário arcaico ciryalí tanto no nominativo quanto no acusativo), dativo ciryalin, genitivo ciryalion, possessivo ciryalíva, locativo

ciryalissë ou ciryalissen, alativo ciryalinna ou ciryalinnar, ablativo ciryalillo ou ciryalillon, instrumental ciryalínen, respectivo ciryalis.

Dual: nominativo ciryat "dois barcos, um par de barcos" (sem acusativo distinto mesmo no Quenya arcaico?), dativo ciryant, genitivo ciryato, possessivo ciryatwa, locativo ciryatsë, alativo ciryanta, ablativo ciryalto, instrumental ciryanten, respectivo ciryates. No caso de um dual em u, contudo, a dualidade já é suficientemente expressa pelo sufixo –u, assim os sufixos da declinação normal sem t são (presumivelmente) usados: nominativo aldu "duas árvores", (acusativo *aldú,) genitivo *alduo, possessivo *alduva, dativo *alduen, alativo "aldunna, ablativo *aldullo, locativo *aldussë, instrumental *aldunen, respectivo *aldus.

2. LASSË "folha" (um I – plural)
Singular: nominativo lassë "folha", (acusativo lassé,) dativo lassen "para uma folha", genitivo lassëo "de uma folha – a leaf's", possessivo lasséva "de uma folha – of a leaf", locativo lassessë "numa folha – in/on a leaf", alativo lassema "para uma folha – to a leaf", ablativo lassello "de uma folha – from a leaf", instrumental lassenen "com uma folha – with a leaf", respectivo lasses (significado desconhecido).

Plural: nom. lassi "folhas", (acus. lassí,), dat. lassin, gen. lassion, poss. *lassiva (não está em Plotz), loc. lassessen, alat. lassennar, abl. lassellon ou lassellor, inst. lassinen, resp. lassis.

Plural Partitivo: nom. lasseli (no Quenya Literário lasselí no nom. e acu.), gen. lasselion, poss. lasselíva, dat. lasselin, loc. lasselisse/lasselissen, alat. lasselinna/lasselinnar, abl. lasselillo/lasselillon, inst. lasselínen, resp. lassetes.

Dual: nom./acu. lasset "um par de folhas", dat. lassent, gen. lasseto, poss. lassetwa, loc. lassetsë, alat. lassenta, abl. lasselto, inst. lassenten, resp. lassetes.

A Plotz Letter não nos dá exemplo envolvendo um substantivo terminando em *consoante*, mas deve ser algo como:

3. NAT "coisa"
Singular: nominativo nat "coisa", dativo *naten "para uma coisa", genitivo *nato "de uma coisa – a thing's", possessivo *natwa "de uma coisa – of a thing", locativo *natessë "numa coisa – in/on a thing", alativo *natenna "para uma coisa – to a thing", ablativo *natello "de uma coisa – from a thing", instrumental *natenen "com/por uma coisa – with/by a thing", respectivo *nates (significado desconhecido).

Plural: nom. *nati "coisas", (acu. *natí,) dat. *natin, gen. *nation, poss. *nativa, loc. *natissen, alat. *natinnar, abl. *natillon ou *natillor, inst. *natinen, resp. *natis.

Plural partitivo: nom. *nateli (no Quenya Literário *natelí para nom. e acus.), dat. *natelin, gen. *natelion, poss. *natelíva, loc. *natelisse/natelissen, alat. *natelinna/natelinnar, abl. *natelillo/natelillon, intr. *natelínen, resp. *natelis.

Dual: nom/acus. *natu "um par de coisas" (prefere-se o sufixo –u, pois o radical termina em t), dat. *natuen, gen. *natuo, poss. *natuva, loc. *natussë, alat. *natunna, abl. *natullo, inst. *natunen, resp. natus. Mas um radical consonantal não terminado em –t ou –d, como elen "estrela", deve presumivelmente ser: nom./acus. *elenet "um par de estrelas", dat. *elenet, gen. *eleneto (*elento?), poss. *elenetwa, loc. *elenetsë, alat. *elenenta (talvez contraído para

*elenta), abl. *elenelto, inst. *elenenten (talvez contraído para *elenten), resp. *elenetes (*elentes?).